



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

A NATURALIZAÇÃO DA COMPETIÇÃO NA INFÂNCIA: GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA ESCOLA

DOI: 10.56579/eduinterpe.v2i1.3596

Marcela Barbosa Ribeiro¹

¹ Mestranda em Ciências Humanas e Sociais na Universidade Federal do ABC- UFABC.
E-mail: marcela.b@ufabc.br

RESUMO: A racionalidade neoliberal tem ultrapassado o campo econômico, configurando-se como uma forma ampliada de governo da vida social, orientando condutas, valores e processos de subjetivação. No âmbito educacional, essa lógica se insere precocemente na educação infantil por meio de práticas pedagógicas aparentemente lúdicas. Fundamentado nas contribuições de Michel Foucault e de Pierre Dardot e Christian Laval, o estudo tem como objetivo analisar como a competição é introduzida e naturalizada na educação infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza documental, desenvolvida no campo da educação, a partir da análise do Edital nº 10/2025 do concurso “Meu Olhar, Minha Arte”, da rede municipal de Diadema. Os resultados indicam que o concurso opera como tecnologia de governamentalidade, instituindo comparação, hierarquização e meritocracia entre as crianças. Conclui-se que o estudo contribui para o debate crítico sobre práticas pedagógicas e seus efeitos na formação das subjetividades infantis.

Palavras-chave: Governamentalidade Neoliberal; Educação infantil; Competição; Subjetivação; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A racionalidade neoliberal tem extrapolado o campo estritamente econômico, configurando-se como uma forma ampliada de governar a vida social. Trata-se de uma racionalidade que reorganiza instituições, práticas e modos de subjetivação, produzindo sujeitos orientados pela lógica da concorrência, do desempenho e da autogestão. Conforme analisa Michel Foucault (2008), o neoliberalismo deve ser compreendido como uma forma específica de governamentalidade, na qual os princípios do mercado passam a orientar as condutas individuais e coletivas.

Essa compreensão é aprofundada por Pierre Dardot e Christian Laval (2016), ao afirmarem que o neoliberalismo se institui como uma “nova razão do mundo”, operando como norma de subjetivação que convoca os indivíduos a se comportarem como empresas de si mesmos. Nessa perspectiva, a concorrência deixa de ser apenas um mecanismo econômico e passa a funcionar como princípio ético e social, naturalizado nas mais diversas esferas da vida.

A escola, enquanto instituição central no processo de formação social, participa ativamente dessa dinâmica. Para além da transmissão de conhecimentos, ela atua como espaço de produção de subjetividades e de regulação dos modos de ser. Desde a educação infantil, práticas pedagógicas,



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

rotinas institucionais e projetos escolares podem funcionar como dispositivos que introduzem e legitimam a lógica competitiva, contribuindo para sua naturalização desde a infância.

Nesse contexto, a educação infantil assume papel central, uma vez que práticas pedagógicas aparentemente neutras ou lúdicas podem funcionar como dispositivos de introdução precoce da lógica da competição e da comparação entre pares. Assim, o objetivo deste estudo é analisar como a racionalidade neoliberal se materializa em práticas pedagógicas da educação infantil, tomando como foco um concurso escolar institucionalizado, problematizando seus efeitos na produção de subjetividades infantis.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza documental, fundamentada no diálogo teórico entre o conceito de governamentalidade, proposto por Foucault (2008), e a análise crítica da racionalidade neoliberal desenvolvida por Dardot e Laval (2016). Como corpus de análise, foi selecionado o Edital nº 10/2025 do concurso “Meu Olhar, Minha Arte”, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Diadema.

O concurso foi direcionado a todas as etapas de ensino da rede municipal, com adequações às diferentes faixas etárias. Para a Educação Infantil (crianças de 4 e 5 anos), o tema proposto foi “A Mascote Capidema – Nossa Capivara de Diadema!”, considerando o apelo simbólico da capivara junto ao público infantil, presente em roupas e brinquedos, sendo um tema sedutor para elas. Para as crianças do Ensino Fundamental I (6 a 11 anos), o edital enfatizava que a prioridade deveria ser as avaliações do SAEB¹ e que a participação no concurso deveria integrar o planejamento das aulas de Artes. O tema definido foi “Meu superpoder”, no qual as crianças deveriam expressar em um desenho qual super-herói seriam e quais superpoderes teriam. Já para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a proposta consistia no fotografar o local preferido do município.

A seleção das produções ocorreu em três etapas: a primeira, nas próprias escolas, em que os estudantes escolheriam entre si os trabalhos; a segunda por um júri municipal, composto por autoridades municipais e representantes mirins (crianças que participam dos conselhos escolares); e

¹ SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) é a principal avaliação nacional, realizada pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), para medir a qualidade da educação básica, avaliando o aprendizado de estudantes e o contexto das escolas por meio de testes cognitivos e questionários.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

a terceira por meio de votação popular e virtual. A premiação consistia na emissão de certificados de reconhecimento e na divulgação das obras vencedoras nos canais oficiais da Prefeitura.

Os procedimentos metodológicos adotados envolveram a leitura analítica do documento, com atenção aos objetivos declarados, critérios de seleção, formas de avaliação, processos de premiação e discursos de valorização presentes no edital. A análise foi orientada pelo referencial teórico da governamentalidade, em diálogo com a crítica da racionalidade neoliberal, buscando compreender como tais dispositivos operam na condução das condutas e na produção de subjetividades desde a infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do Edital nº 10/2025, que regulamenta o concurso “Meu Olhar, Minha Arte”, permite evidenciar como a racionalidade neoliberal se materializa em práticas pedagógicas institucionais desde a educação infantil. O documento define o concurso como uma iniciativa de valorização da criatividade e da expressão artística das crianças, afirmando que seu objetivo é selecionar desenhos para compor a capa dos cadernos escolares da rede municipal. Tal formulação, à primeira vista, associa-se a discursos pedagógicos positivos, como incentivo à arte e ao protagonismo infantil.

Entretanto, ao estabelecer que os desenhos serão submetidos a um processo de seleção e julgamento entre si e pelo outro, o edital introduz critérios de avaliação que produzem hierarquizações explícitas entre as produções infantis. Diferente das outras etapas da educação, que possuem avaliações institucionalizadas, que aparentam ter somente o objetivo de produzir dados para cálculo do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), para diagnóstico de pontos fortes e fracos do sistema de ensino, autoavaliação das escolas e para direcionar políticas públicas, mas que colocam as crianças em comparação umas com as outras, esse tipo de concurso cultural também posiciona a criança, desde muito cedo, nessas situações de comparação e formação da subjetividade competitiva.

A previsão de escolha de desenhos “vencedores” implica a comparação sistemática entre os trabalhos apresentados, instaurando uma lógica classificatória que define desempenhos, que podem ser superiores e inferiores, colocando a própria criança para tomar essa decisão. Mesmo quando não explicitados em termos técnicos, os critérios de seleção funcionam como mecanismos de normalização, definindo padrões de criatividade, estética e adequação esperados.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

O edital também prevê avaliações realizadas por comissões julgadoras, responsáveis por analisar e selecionar os desenhos que representarão a rede municipal. Esse procedimento desloca a produção artística infantil para um regime de visibilidade e julgamento público, aproximando-a de dispositivos meritocráticos. Nesse sentido, a participação no concurso não se limita à expressão livre, mas se articula à expectativa de reconhecimento institucional, materializado na escolha de poucos desenhos.

Segundo Foucault (2008), tais mecanismos podem ser compreendidos como tecnologias de governamentalidade, na medida em que orientam condutas e produzem efeitos de subjetivação. Ao participar do concurso, as crianças são introduzidas, ainda que de forma lúdica, em uma dinâmica de avaliação, competição e distinção. Aprende-se, desde cedo, que as produções são comparáveis, que algumas merecem destaque e que o reconhecimento é resultado de um desempenho individual considerado superior.

A análise do edital evidencia a valorização precoce do desempenho, a institucionalização da comparação entre pares e a criação de vencedores e não vencedores. Esses elementos contribuem para a naturalização da lógica da concorrência, tirando a experiência artística da brincadeira e da experimentação coletiva e a colocando no campo da performance e da produtividade.

Para Dardot e Laval (2016), esse processo pode ser interpretado como parte da produção do sujeito empresarial, que é chamado a se diferenciar, a se destacar e a assumir a responsabilidade por seu próprio sucesso ou fracasso. Assim, o concurso “Meu Olhar, Minha Arte”, ao operar como prática pedagógica institucionalizada, funciona como um dispositivo que introduz a racionalidade neoliberal nas práticas da educação infantil, governando a infância pelo desempenho e produzindo subjetividades alinhadas à lógica da concorrência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada evidencia que a escola atua como um dispositivo central de governamentalidade neoliberal, participando ativamente da ampliação da lógica da competição desde a educação infantil. Práticas como concursos escolares, ainda que apresentadas de forma lúdica e atrativa, funcionam como tecnologias de condução das condutas, incentivando a comparação, o desempenho e a busca por distinção.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

Nesse contexto, a infância deixa de ser concebida exclusivamente como tempo de brincar, experimentar e cooperar, passando a ser atravessada por exigências de performance e produtividade. As crianças passam a se perceber como mais ou menos capazes, criativas ou bem-sucedidas, internalizando precocemente a lógica do sujeito empresarial.

Diante disso, torna-se fundamental problematizar tais práticas no interior das instituições escolares e refletir sobre alternativas pedagógicas que valorizem a cooperação, a solidariedade, a diversidade de expressões e os múltiplos modos de ser criança, contribuindo para a construção de uma educação infantil comprometida com a formação humana e não com a reprodução da racionalidade neoliberal.

REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIADEMA (SP). Edital nº 10/2025. **Concurso “Meu Olhar, Minha Arte”: para a capa dos cadernos escolares de 2026**. Diadema: Secretaria Municipal de Educação, 2025.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978–1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.